

# **DROYSEN: REVISITANDO UM PERFIL HISTORIOGRÁFICO A PARTIR DE UMA METÁFORA MUSICAL**

*José D'Assunção Barros*

Professor nos Cursos de Mestrado e Graduação em História da  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)  
Professor-Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História  
Comparada da UFRJ  
Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense  
(UFF)

E-mail: [jose.assun@globocom.com](mailto:jose.assun@globocom.com)

## **RESUMO**

Este artigo tem por objetivo desenvolver algumas considerações sobre as especificidades dos modos de pensar a História de Gustav Droysen, atentando para a complexidade deste pensamento historiográfico que integra o Historicismo, uma perspectiva hegeliana e outros aspectos igualmente definidores de sua identidade teórica. Para guiar nossas reflexões sobre este historiador, estaremos usando a metáfora do ‘acorde teórico’ – uma metáfora emprestada à Música – de modo a pensar a interação entre alguns elementos que constituem a ‘identidade teórica’ de Droysen. A principal obra de Droysen que estaremos analisando será *Historik*, através da qual será possível desenvolver algumas considerações sobre o historicismo relativista proposto por Paul Ricoeur.

**Palavras-chave:** Droysen, Historicismo, relativismo.

## **ABSTRACT**

This article aims to develop some ideas about specific ways to understand history within the work of Gustav Droysen, with special attention given to the complexity to the historical ideas behind "Historicism", Hegelian thought, and other equally important components of his theoretical identity. To guide our reflection about this historian, we use the metaphor of the ‘theory chord’, a metaphor borrowed from music, in order to conceptualize the interaction between the disparate elements that constitute Droysen’s theoretical identity. The principal work analysed here is *Historik*, the consideration of which makes possible an understanding of the relativist historicism proposed by Droysen.

Key-words: Droysen, Historicism, relativism.

Dentre os historiadores oitocentistas, cuja obra contribuiu para criar e consolidar o paradigma do Historicismo, talvez existam poucos nomes que, à altura de Johann Gustav Droysen (1808-1884), possam ser associados tão claramente à virada relativista do Historicismo<sup>1</sup>. Autor de uma importante *Historik*<sup>2</sup> que enuncia, já desde os textos produzidos em 1857 e 1858, uma série de posições que podem ser associadas mais decisivamente à virada relativista, Droysen é por outro lado um historiador típico de sua época. É assim que o exame da trajetória historiográfica deste importante historiador prussiano e luterano que foi Droysen – na verdade um dos historiadores mais avançados em sua época no que se refere ao desenvolvimento de uma consciência histórica relativista – também permitirá evidenciar certos limites ou demandas da historiografia predominante no século XIX, mostrando como esta ainda se achava, de certo modo, um tanto restringida por uma concepção mais estreita do “político”, que pode ser contrastada com aquela que seria mais tarde desenvolvida pelos historiadores políticos da segunda metade do século XX, por ocasião de re-intensificação de preocupações com a História Política que ficaria conhecida na história da historiografia como “retorno do político”.

Para desenvolver esta reflexão em torno do historicismo de Droysen, proporemos neste artigo a utilização de um recurso novo, a utilização da metáfora do “acorde historiográfico”, uma imagem que nos obrigará a pensar na obra e na ‘identidade teórica’ de Droysen de maneira complexa, atentando para seus diálogos e influências, bem como para características várias que este autor acrescentou à sua concepção de historicismo. Um acorde, na música, é uma entidade sonora que integra diversas ‘notas musicais’. Estaremos utilizando esta imagem precisamente para nos referirmos à complexidade da identidade teórica de Johann Gustav Droysen: um autor que assimila

---

<sup>1</sup> Para um bom estudo brasileiro sobre Droysen, ver CALDAS, 2004; e ainda a “Apresentação” de Júlio BENTIVOGLIO para a tradução brasileira do *Manual de Teoria de História*, de Droysen (2009, p.7-26). Ver ainda SOUTHARD, 1995. Em alemão, temos a obra ainda não traduzida de Wilfried NIPPEL (2008).

<sup>2</sup> *Historik* corresponde a um conjunto de textos, na verdade de anotações e registros relativos a conferências proferidas por Droysen de 1857 até o final de sua vida, sob a forma de cursos de Teoria e Metodologia da História ministrados em um primeiro momento na Universidade de Jena e, mais tarde, na Universidade de Berlim (foram 17 séries desde o primeiro curso até o final). O conjunto de parte destes textos – em especial as duas primeiras versões do curso – encontra-se hoje coligido na obra “*Historik*” (editada por Peter Leyh em 1977), que contém anotações da primeira versão do curso e de outras duas, estas menos alentadas. As primeiras anotações foram publicadas em 1858; mais tarde Droysen acrescentaria novos textos, completando a edição hoje conhecida. No Brasil, uma parte deste material foi organizada por Julio Bentivoglio e publicada em 2009 pela editora Vozes com o título *Manual de Teoria da História*.

diversas ‘notas de influência’, emprestando-lhes novos sentidos. A esta complexidade que recolhe elementos diversos e os reelabora, Droysen dotou de uma coerência impar, o que faz sua obra apresentar uma especial unidade teórico-metodológica.

O exemplo de Droysen também se mostra importante para darmos a perceber que a identidade teórica de um historiador nem sempre encontra plenas oportunidades para se expressar livremente, pois frequentemente este historiador terá que se contrapor a um determinado “fundo”, a uma cultura que é a de sua época, a um padrão historiográfico que predomina, a uma instituição que dita as demandas relacionadas ao que escrever, e assim por diante. Para evocar mais uma vez a nossa metáfora, um “acorde teórico” pode se contrapor, a partir da obra de determinado historiador ou filósofo, a um fundo harmônico que o modifica (uma instituição ou uma comunidade intelectual que com ele interage, por exemplo).

Poderemos vislumbrar, através da trajetória historiográfica de Droysen, um sutil jogo de tensões entre uma visão que já propõe a abertura temática da História e uma tendência mais geral que em alguma mediada a comprime – considerando que boa parte da historiografia do século XIX apresenta a tendência a se limitar ao estudo da História (da) Política e aos estudos sobre a História dos Grandes Homens, ainda que desde aquela época já se tenha apresentado no horizonte historiográfico, mesmo que timidamente, uma História da Cultura<sup>3</sup>. Vale ainda lembrar que os meios historiográficos do século XIX também são percorridos por historiadores que se mostram vinculados a determinado padrão de narrativa histórica que nem sempre se vê acompanhado de uma adequada problematização, esta que hoje é prevista como instância central para a produção do conhecimento histórico. Mas não é este o caso de Droysen, que em diversas oportunidades apresentou como escopo o projeto de se manter distanciado seja em relação à historiografia positivista, seja em relação à história meramente narrativa (GRONDIN, 1999, p.141).

É evidente, deve-se ressaltar desde já, que a delimitação de boa parte da historiografia oitocentista a uma concepção mais estreita de História Política, e por vezes a uma história factual, não é tão legítima e tão grave como foi pintada pelos manifestos produzidos por Lucien Febvre (1878-1956) por ocasião da emergência do movimento dos Annales. Febvre, assim como outros historiadores ligados ao movimento francês

---

<sup>3</sup> Entre as contribuições importantes nesta outra direção, citaremos o historiador suíço Jacob Burckhardt (1818-1897), e também, m pouco depois, o historiador alemão Karl Lamprecht (1856-1915).

dos Annales, carregaram um pouco nas tintas e nos traços caricaturais com os quais pretenderam representar os seus “outros” historiográficos. Queriam, sobretudo, opor a “nova história” trazida pelos Annales a uma “velha história” representada na França pelos historiadores metódicos, que uniam na sua prática elementos historicistas e positivistas. Os metódicos, liderados inicialmente por Gabriel Monod (1844-1912) e que seguiam uma tradição impulsionada pela sistematização proposta por Charles Seignobos (1854-1942) e Langlois (1863-1929), ocupavam então o poder nas instituições historiográficas francesas, e o empenho em abalar estas sólidas posições institucionais que eram ocupadas pelos metódicos pode explicar porque os Annales radicalizaram o seu discurso. De certo modo, os historiadores dos Annales terminaram por favorecer a construção de uma espécie de mito sobre a exclusividade de uma história política, factual e narrativa no século XIX<sup>4</sup>.

Posto isto, procuraremos examinar dois lados da questão. Há uma novidade em alguns historicistas da segunda metade do século XIX que é extremamente relevante: eles completam a tríade historicista de elementos que podem ser contrapostos ao padrão historiográfico positivista: reconhecem simultaneamente a subjetividade implicada em todo objeto histórico, a especificidade de cada ciência humana em relação às demais e por oposição ao padrão predominante nas ciências naturais, e avançam, por fim, para uma perfeita clarificação das subjetividades que afetam o historiador enquanto sujeito produtor do conhecimento histórico. Só isto, esta tarefa imprescindível de completar o paradigma historicista em seus três pontos principais, já faria de diversos dos historicistas da segunda metade do século XIX personagens fundamentais para o desenvolvimento da historiografia, tal como hoje ela se apresenta entre os historiadores profissionais. Por outro lado, verifica-se, mesmo entre alguns dos historicistas mais avançados no sentido de perceber a complexidade da operação historiográfica, um nítido predomínio da História Política de tipo tradicional: mais uma “História (da) Política” do que uma “história política” tal como a compreendemos nos dias de hoje

---

<sup>4</sup> Podemos lembrar que, na Alemanha de fins dos anos 1880, já começava a se desenvolver acirrado debate entre partidários de uma História Política e partidários de uma História Cultural. Esta polémica foi encabeçada respectivamente pelos historiadores Dietrich Schäfer (1845-1929) e Eberhard Gothein (1853-1926). Ao mesmo tempo, já mencionamos o fato de que uma polémica análoga também se desenvolveu na mesma época em torno das proposições de Karl Lamprecht (1856-1915). Tudo isto ocorreu muito antes da emergência da Escola dos Annales, mostrando que nem este debate foi uma novidade introduzida pelos historiadores dos Annales, e nem tampouco a historiografia do século XIX era exclusivamente política. De todo modo, não há como negar que os investimentos governamentais favoreciam francamente a historiografia política, tal como já teremos oportunidade de verificar.

(uma história do poder e das relações de poder, em todas as suas formas). Em tempo: podemos falar em predomínio da História Política, mas não em exclusividade<sup>5</sup>.

Se em alguns casos foi pertinente a crítica de ‘reducionismo político’, desfechada pelos historiadores franceses dos *Annales* contra o metodismo francês e contra o setor mais tradicional do historicismo alemão, já a crítica em relação à factualidade (ausência de problematização histórica) somente pode ser aplicada contra parte da historiografia do século XIX, e certamente não para o caso de Droysen. Seria suficiente citar, deste historiador, a *História do Helenismo* (1833), que cria o próprio conceito de “Helenismo” e que propõe uma leitura original do período helênico não como uma decadência, tal como esse momento histórico vinha sendo tradicionalmente tratado, mas sim como uma renovação (BENTIVOGLIO, 2009, p.14)<sup>6</sup>. Criar conceitos novos, e propor hipóteses inovadoras não é certamente apanágio dos historiadores factualistas, meramente preocupados em “narrar os fatos”. Mesmo Ranke problematiza as origens dos povos latinos e germânicos, não se limitando, na prática, a uma mera narração dos fatos. A estigmatização da historiografia do século XIX como factual, encaminhada pelo movimento dos *Annales* no século XX e também pela historiografia marxista do mesmo período, é apenas parcialmente justa e adequada, não se enquadrando nela alguns dos maiores nomes da historiografia alemã. Na verdade, veremos mais adiante um texto pioneiro do próprio Droysen, datado de 1858, em que este historiador nascido na Pomerânia critica simultaneamente o ‘predomínio excludente da História Política’ e o culto à ‘produção do puro fato’ (historiografia ingênua, narrativa não problematizada). Essa crítica pioneira antecede em 45 anos a crítica de François Simiand aos “ídolos da

---

<sup>5</sup> Há certamente uma minoria significativa que se empenhou em confrontar o modelo predominante, incluindo nomes como o de Jules Michelet e o do já citado Jacob Burckhardt. Seria preciso também mencionar aqueles que, ainda que levados pelas circunstâncias a escrever uma História Política vista de cima, perceberam que havia ainda uma outra História por se escrever: ao mesmo tempo voltada para outras esferas da atividade humana para além da política, e que considerasse não apenas o ponto de vista das elites. Veremos no *Historik* de Droysen algumas considerações a este respeito. Também podemos lembrar aqui as palavras do historiador francês Augustin Thierry: “Ainda não temos história da França. [...] Falta-nos a história dos cidadãos, a história dos súditos, a história do povo” (THIERRY, 1820, p.12).

<sup>6</sup> Além disto, podemos evocar aqui as palavras de Droysen em *Historik*: “O ponto de partida de toda pesquisa é a questão histórica” (DROYSEN, 2009, p.46). Este princípio da operação historiográfica “com uma pergunta” é particularmente importante para uma história problematizada. Se os historiadores franceses Langlois e Seignobos, décadas depois de Droysen, cunhariam o notório dito que afirma que “sem documento não há História” (1898), já o historiador alemão parece antecipar o dito de Lucien Febvre que se tornará emblemático para os historiadores dos *Annales*: “sem problema, não há história” (FEBVRE, 1953). Com o *Historik* de Droysen, veremos já francamente delineada a ideia de que é desta “questão histórica” inicial que “resultam quais os vestígios, monumentos e fontes que deverão ser mobilizados na busca de sua resposta” (DROYSEN, 2009, p.48).

tribo dos historiadores”, dirigida contra os historiadores metódicos da França (1903) e em cerca de 70 anos a crítica dos historiadores dos Annales àquela que consideram uma “história política, narrativa e factual” do século XIX (1929).

Os indícios que revelam a preocupação de Droysen com uma história problematizada, e a sua reticência contra certos gêneros de história factual, são recorrentes em diversos dos seus escritos nos quais o historiador alemão se põe a refletir sobre a prática historiográfica. Em um dos itens de *Historik* (nº90), inserido na parte destas anotações que discute as “formas de apresentação da História” (Tópica), Droysen começa por refletir sobre uma modalidade de apresentação da História que denominou “história interrogativa” (DROYSEN, 2009, p.79). Essa forma de expor o texto historiográfico (e na verdade de pesquisar os materiais que lhe deram origem) sintetiza perfeitamente com os modelos da moderna história-problema. Este modo de expor a história é definido por Droysen como uma “mimese do ato de procurar” (no item subsequente, Droysen falará na outra modalidade, narrativa, que corresponderia a uma “mimese do devir histórico”, no sentido de que procura narrar os acontecimentos como se estivessem acontecendo na própria realidade histórica, tal como em um romance). Droysen acrescenta sobre a modalidade da “história interrogativa” – a sua “história-problema” – que “ela procede como se o que finalmente foi encontrado na investigação deve ser ainda encontrado ou melhor pesquisado” (2009, p.79). Ou seja, uma história problematizada, interrogativa, deve colocar-se como uma história aberta, que não pretende encerrar-se em uma narrativa definitiva dos acontecimentos<sup>7</sup>.

Também a narrativa meramente factual, ancorada na ilusão de que os fatos podem ser descritos tal como aconteceram, torna-se objeto da crítica de Droysen. O que pode salvar a modalidade da “exposição narrativa” (p.80) é precisamente a compreensão de que “somente de modo aparente os ‘fatos’ falam por si, sozinhos, exclusivamente, ‘objetivamente’; eles seriam mudos sem o narrador que os deixa falar”. Droysen coloca entre aspas as palavras “fatos” e “objetivamente”. Está desfechando veladamente uma crítica visceral contra o notório dito de Ranke, muitas vezes mal compreendido, de que o objetivo dos historiadores deveria ser o de “narrar os fatos tais como estes ocorreram”. A crítica se dirige simultaneamente contra o apego ao “puro fato” (a história factual), e

---

<sup>7</sup> Uma das maneiras de produzir esta “história interrogativa” é descrita por Droysen: “[a história interrogativa pode começar por] procurar o resultado seguro a partir de uma incerteza, de uma pergunta, de um dilema, assim como o pleiteante procede diante de um tribunal quando precisa comprovar o fato subjetivo a partir do objetivo” (DROYSEN, 2009, p.79).

contra as ilusões de objetividade (“não é a objetividade que é a melhor glória do historiador; sua maior justiça é buscar compreender”, dirá Droysen). Desta maneira, pode-se perceber que um historiador como Droysen – já pertencente à segunda fase do historicismo oitocentista e crítico, ele mesmo, do realismo rankeano – não foi nem um cultuador da história factual, e nem infenso à necessidade de construir uma história problematizada.

De todo modo, a escolha de Droysen para esta análise exemplificativa será oportuna para iluminar os problemas que estão envolvidos na expressão de determinado “acorde historiográfico” contra um fundo contrastante. Temos em Droysen um historiador bem sintonizado com alguns dos mais significativos avanços possíveis de seu tempo. Ele faz parte da vertente do Historicismo que caminha para um relativismo, para uma compreensão cada vez maior de que o historiador está ligado a subjetividades das quais não pode se separar, o que o opõe ao padrão de neutralidade proclamado pelo paradigma Positivista em sua mesma época. Dentro dos quadros da Hermenêutica, Droysen já representa um desenvolvimento da direção da intensificação do que mais tarde Gadamer chamaria de uma “consciência histórica”<sup>8</sup>. Droysen já não é, por exemplo, um historicista como Ranke, autor do famoso dito de que só pretendia “narrar os fatos como eles se sucederam”. Ele irá dizer, em um texto de 1857 intitulado “a objetividade do eunuco”, que apenas aspira atingir “nada mais nada menos do que a verdade relativa ao seu ponto de vista”. Da mesma forma, nas passagens mais acima citadas, será um crítico da história factual que se deixa iludir pela pretensão da total objetividade. Portanto, temos aqui um historiador que está acompanhando o desenvolvimento da reflexão sobre a historicidade do próprio historiador, que logo desembocará na filosofia historicista de Dilthey, e mais além em Gadamer, já no século XX. Droysen é certamente um historiador avançado para a sua época. Muitos, como Jörn Rüsen e Reinhart Koselleck, o situam como inaugurador de “uma nova página da historiografia” ou da própria ciência histórica moderna (BENTIVOGLIO, 2009, p.26). Essa posição peculiar de Droysen, como um historiador avançado para a sua época que

---

<sup>8</sup> Gadamer chegará a reelaborar a noção de “preconceito”, que os iluministas e outros viam como algo que distorce a visão “correta” sobre algo. “O preconceito não é uma forma distorcida de pensamento que precisa ser lapidada antes de vermos o mundo corretamente. Para Gadamer, os preconceitos estão presentes em todos os entendimentos. Contra as reivindicações do Iluminismo de que a razão, separada da perspectiva histórica e cultural, representa um teste para a verdade, Gadamer alega que nós estamos irremediavelmente incrustados na linguagem e na cultura – e que o escape para uma certeza clara através do método racional é uma idéia absurda” (LAW, 2007, p.12).

precisa se colocar diante do pano de fundo da historiografia tradicional, e mesmo fazer simultaneamente suas críticas e suas concessões a ela, permite que destaquemos o seu acorde historiográfico contra a monodia mais tradicional da historiografia de sua época. Precisamente por causa desta posição, que não está isenta de tensões, Droysen é uma boa escolha para testar os limites definidos pelas demandas de sua época.

Começaremos pela nota mais óbvia. O acorde historiográfico de Droysen traz na sua base mais fundamental um modelo Historicista que já havia assegurado os três itens básicos do paradigma: a singularidade do objeto histórico, a especificidade da História no seio das ciências humanas e do pensamento científico em geral, e a historicidade do próprio historiador que se autoproduz como sujeito de conhecimento. Na verdade, a própria obra de Droysen contribui para a explicitação fundamental, típica dos setores mais avançados do Historicismo das últimas décadas do século XIX, de que a subjetividade do próprio historiador é de fato decisiva para a operação historiográfica, não constituindo um obstáculo à produção de um conhecimento cientificamente conduzido, mas a sua riqueza possível. A incorporação dos três vértices historicistas por Droysen aparece na sua articulação de três teorias que este historiador alemão procura formular: a teoria da historicidade do mundo humano (que traz algumas marcas indeléveis oriundas da influência hegeliana), a teoria do conhecimento histórico, e a teoria do método histórico<sup>9</sup>. Ao lado de obras de História sobre temáticas diversas, Droysen procura desenvolver mais sistematicamente uma reflexão sobre a articulação entre estas três teorias, revelando uma especial preocupação com o “pensar sobre a história” que já sinaliza a consolidação da Teoria da História como um âmbito disciplinar específico.

Quando consideramos a ‘nota historicista’ de Droysen, base fundamental de seu acorde historiográfico, estamos já diante de um historicismo um pouco (ou bem) distinto em relação ao de Ranke, na verdade um historicismo ‘mais completo’. A incorporação da consciência relacionada à historicidade do próprio historiador, em Droysen, é vinculada a um engajamento político, particularmente intensificado pelo contexto de participação na unificação política da Alemanha (que também tinha outros entusiastas entre os historiadores desta nova fase da Escola Alemã, tais como Sybel e Treitschke). Droysen já será um crítico contumaz do modelo historicista de Ranke, cuja figura dominara a

---

<sup>9</sup> O tônus fundamental do método histórico, para Droysen, seria o que ele chamou de “compreensão mediante a pesquisa”.



primeira fase do historicismo alemão, precisamente no que concerne à ideia de “neutralidade”. De Ranke a Droysen, o próprio Historicismo já havia mudado, incorporando uma nova instância relativista, e tornando-se mais completo em relação ao modelo teórico relacionado ao paradigma Historicista. De fato, Droysen procura explicitar em algumas oportunidades a plena consciência da historicidade do objeto e do sujeito histórico, por vezes claramente, outras vezes através de metáforas<sup>10</sup>. De igual maneira, sofisticou-se com ele a consciência acerca da singularidade da História e das ciências humanas frente a outros campos de saber, atentando-se para a necessidade de que os historiadores compartilhem um método científico próprio. O “método histórico”, então, deverá ser visto simultaneamente como distinto do ‘método especulativo’ (filosófico ou teológico) e do ‘método físico’ (modelo para a maior parte das ciências exatas e naturais). Desta forma, aos três modelos diferenciados de método – o filosófico, o físico e o histórico – corresponderão três gestos primordiais distintos, definidores de cada um destes métodos: “reconhecer”, “esclarecer” e “compreender” (DROYSEN, 2009, p.41)<sup>11</sup>. Digna de nota, ainda, é a dimensão filosófica e ética que Droysen agrega ao sistemático trabalho do historiador com suas fontes históricas, ultrapassando assim a compreensão rankeana desta instância da operação historiográfica como mera técnica, mera “crítica documental”. Esta reflexão, pioneira – e por vezes interferida por uma discreta ‘nota romântica’ – antecede toda uma reflexão hermenêutica posterior, que estaria a cargo de filósofos como Heidegger, Gadamer, Ricoeur:

“Cada ponto do presente é fruto de um vir-a-ser. O que ele era e como se formou, é passado, mas é um passado que ainda se encontra de forma ideal nele. / Mas, somente no estado ideal, como traços apagando-se, brilhos latentes; afastados da consciência é como se não existissem. / O olhar pesquisador, o olhar da pesquisa, é capaz de despertá-los, iluminá-los, fazê-los reviver, iluminando a escuridão vazia do passado. / Não são os passados que se iluminam – eles não estão mais – mas o que deles ainda não é passado no aqui-e-agora.

---

<sup>10</sup> A escritura da História, conforme postula Droysen, inscreve-se nesta necessidade de registrar o transitório humano, de “fixar o fugaz, a onda luminosa, a onda sonora” (DROYSEN, 1977, p.20).

<sup>11</sup> Já Dilthey (1883) trabalhará com uma dicotomia que opõe essencialmente as “ciências naturais” e as “ciências humanas”. De todo modo, a oposição entre “explicar” e “compreender” será por ele retomada. Com relação a Droysen, o conceito de “compreensão” adquire um sentido muito próprio. Dirá ele: “A essência do método histórico é compreender ao pesquisar” (DROYSEN, 2009, p.38)

Esses brilhos despertados estão para nós no lugar dos passados, eles são sua presença espiritual” (DROYSEN, 2009, p.37)<sup>12</sup>

A tríplice consciência acerca da historicidade e especificidade do objeto histórico, do método historiográfico, e do sujeito-historiador que produz conhecimento, é de fato o que permite que o arco historicista – ao menos no que se refere a historicistas mais relativistas como Droysen e Dilthey – encontre a partir de meados do século XIX o seu destino paradigmático, superando o realismo rankeano dos primeiros tempos da Escola Alemã. Ao pensarmos em Droysen como um historicista e como membro da escola Histórica Alemã, devemos ter em mente, portanto, que o Historicismo de Droysen também pode ser já considerado outro que não o de Ranke e o dos historiadores associados ao seu modelo. Mas para não ocorrer uma multiplicação desnecessária e inviável de paradigmas, podemos compreender o Historicismo como um paradigma que começa a se formar na passagem do século XVIII para o XIX, e que conhece um novo *momentum* um pouco depois de meados do século XIX, particularmente com a consciência de historicidade plena que é explicitada, possivelmente pela primeira vez, por Droysen (e logo depois por Dilthey). Droysen, inclusive, não se via – não queria se ver – como partícipe da mesma escola de Ranke: uma escola historiográfica que a historiografia habituou-se a chamar de Escola Histórica Alemã. No primeiro Prefácio de *Historik* (1858), parte do qual foi publicado em português com o título *Manual de Teoria da História* (2009), Droysen menciona mesmo a escola de Ranke como apartada de si, e a denomina “Escola de Göttingen”, louvando suas conquistas mas acrescentando uma série de críticas aos primeiros historicistas alemães:

“No campo de nossos estudos [a História], a Escola de Göttingen do final do século XVIII, e que agora está findando, ocupou-se com as questões gerais, que de tempos em tempos foram repetidamente tratadas. Procurou comprovar que a história seria ‘basicamente a história política’ e que em torno desse núcleo se agrupam as variadas ciências elementares, auxiliares e outras da nossa área. Reconheceu-se então a essência da história em seu método, caracterizando-se este como ‘crítica das fontes’ e como produção do ‘puro fato’. Encontrou-se a meta determinante da nossa ciência na exposição artística e na ‘obra de arte histórica’ [para Droysen, a pura narrativa] e celebrou-se

---

<sup>12</sup> E, mais adiante: “Somente o que o espírito humano e a mão humana modelou, cunhou, tocou, somente esses traços produzidos pelo homem se iluminam novamente para nós” (DROYSEN, 2009, p.38).

como o maior historiador de nossa época aquele que, em sua maneira de exposição, mais se aproxima dos romances de Walter Scott [isto é, Ranke]” (DROYSEN, 2009, p.30)

É surpreendente o pioneirismo deste texto. Droysen, ao criticar a primeira fase de historiadores da Escola Alemã, prefere na verdade vê-los como uma escola que já está findando: a Escola de Gottingen (os historiadores que seguem o modelo de Ranke). Mas na verdade está criticando os historiadores de sua própria época. Ranke ainda viverá muito, só vindo a falecer em 1886. Inúmeros outros historiadores, de metade do século XIX em diante, seguirão ainda o seu modelo, e depois também, no próprio século XX, quando haverá mesmo em alguns momentos uma retomada do realismo rankeano e um culto à sua figura. A “história política” é a história predominante em sua época, e, em que pese que ele a crítica claramente, mesmo ele terá de fazer concessões à história política nacional nos moldes requeridos pelo estado Prussiano. Além da exclusividade da História Política, Droysen critica a “produção do puro fato”. Antecipa, em anos, a crítica de François Simiand (1903) e de Lucien Febvre (1929, 1953) à “história factual”. A “história narrativa”, no modelo de Ranke, que no texto aparece oculto por trás da analogia com os romances de Walter Scott, será uma crítica da mesma qualidade e intensidade que o movimento dos Annales moverá contra a história narrativa que julgava ver, ou que de fato via, nos historiadores metódicos dos anos 1870. Johann Gustav Droysen, com sua *Historik* (1858), já nos apresenta definitivamente um novo padrão de Historicismo. Com ele, o Historicismo completou ou começou a completar o seu arco, tornando-se um Historicismo moderno, pronto a acenar com novas possibilidades para o século XX. Ao menos com Droysen e alguns outros historiadores, um ramo do historicismo parece se desdobrar em uma nova variante do paradigma Historicista, em confronto com um outro grupo de historicistas que persiste no modelo realista de Ranke, configurando-se uma espécie de desdobramento polifônico deste paradigma.

Compreendida a nota fundamental do Historicismo de novo tipo, que é a base do acorde historiográfico de Droysen, avancemos, agora, pelas demais notas deste complexo acorde teórico. Entre as influências filosóficas, apesar da adesão radical de Droysen ao paradigma Historicista, aparece a já mencionada influência de Hegel, de quem Droysen chegou a ser aluno – uma influência que se mostra mais intensa na primeira fase de seus estudos sobre a Antiguidade Helênica, e que também se expressa eventualmente no

empenho de conciliar os valores historicistas com alguns conceitos hegelianos, dando origem a noções peculiares como a de “totalidade relativa” (DROYSEN, 1977, p.23)<sup>13</sup>. Há ainda outras influências filosóficas importantes, presentes no acorde teórico de Droysen. Fichte (1762-1814), que de resto é uma influência bastante recorrente entre os historicistas alemães, pode ser indicado como um filósofo que se inscreve na nota filosófica de Droysen, sobretudo no que concerne à noção de “liberdade” como aspecto essencial da história<sup>14</sup>. Há naturalmente a influência de Kant, que, aliás, conhece uma intensificação especial entre os historicistas alemães nas últimas décadas do século XIX<sup>15</sup>, e também a influência romântica de Schelling (1775-1854)<sup>16</sup>. O próprio Droysen também referencia no prefácio de 1858 para o *Grundriss der Historik* a influência de Wilhelm Humboldt, particularmente no que se refere à sua teoria da linguagem e à sua “concepção do mundo que tinha seu centro de gravidade e sua força intensa no sentimento ético” (DROYSEN, 2009, p.33-34). Com estas palavras, e comparando Humboldt a uma espécie de “Bacon das ciências históricas” (p.33), Droysen reconhece em Wilhelm Humboldt (1757-1835) como que uma influência basilar em seu acorde

---

<sup>13</sup> O projeto historicista de Droysen apresenta matizes bem hegelianas na sua formulação mais geral. No início de *Historik*, encontraremos o empenho de Droysen definir o método histórico a partir de uma interação dialética entre o “método físico” das ciências exatas e da matemática, e o “método especulativo”, da filosofia. Ali encontraremos estas palavras, carregadas de uma conceituação extraída da dialética hegeliana: “Movimento e unidade são ambos momentos através dos quais o espírito é espírito, que através deles ele se polariza em direção a uma vivacidade incansável que se consumiria a si mesma sem a energia da unidade e que se afundaria morta sem o movimento constantemente ativo e periférico” (DROYSEN, 1977, p.32).

<sup>14</sup> Em *Historik*, Fichte é mencionado por Droysen com relação à “liberdade integral do ser humano ético” (, 2009, p.72).

<sup>15</sup> Immanuel Kant (1724-1804) havia estabelecido, pela primeira vez na filosofia, uma distinção formal entre os fenômenos e a “coisa-em-si” (o *noumenon*), ressaltando que a “coisa-em-si” não poderia ser constituída em objeto para o conhecimento científico, tal como vinha pretendendo até então a metafísica clássica. Para Kant, a ciência deveria se restringir ao “mundo dos fenômenos”, e para tal deveria se constituir a partir das formas “a priori” da sensibilidade (o tempo e o espaço) e pelas categorias do entendimento. Estas mesmas categorias aparecem explicitamente referidas no *Historik* de Droysen, se bem que o historiador alemão já procure adequar os seus conceitos de tempo e de espaço à sua perspectiva de um historicismo relativista: “Não é objetivamente que os fenômenos se dividem no espaço e no tempo; a nossa percepção é que os separa em vista do modo como eles parecem se relacionar mais ao espaço ou ao tempo” (DROYSEN, 2009, p.35).

<sup>16</sup> Friedrich Schelling (1775-1854), ao lado de Kant e Hegel, tornou-se um dos grandes representantes do idealismo alemão. Schelling, que apresenta em seu próprio acorde teórico uma revivescência da filosofia de Spinoza, veio a se constituir também em uma influência importante sobre o Romantismo Alemão do século XIX, particularmente a partir de sua nomeação em 1798 para professor universitário em Jena, cidade na qual começa a dialogar com Schlegel e Novalis, que foram dois dos principais representantes deste movimento.

teórico<sup>17</sup>. De todo modo, à parte estas outras influências, não há como não perceber que uma certa leitura de Hegel constitui a nota filosófica mais intensa no acorde teórico de Droysen. As categorias hegelianas e dialéticas da totalidade, do movimento (devir), da contradição, da superação da contradição através de reconciliação, são fundacionais no pensamento filosófico-histórico de Droysen. Por outro lado, a ‘nota hegeliana’ modifica-se no interior do ‘acorde Droysen’; cada conceito adquire uma coloração ou um sentido próprio<sup>18</sup>. Seu idealismo é revisto de alguma maneira na percepção droyseniana de mundo histórico como um “mundo ético” (uma percepção que já apresenta de si mesma uma repercussão da nota Humboldt):

“A alternativa incorreta da visão de mundo materialista e idealista reconcilia-se na visão histórica, a visão para a qual o mundo ético nos conduz, pois a característica do mundo ético é que nele, a cada instante, se reconcilia aquele oposto, a fim de se renovar, e se renova a fim de se reconciliar” (DROYSEN, 2009, p.41).

É também hegeliana, mas com adaptações, a visão de Droysen sobre a caminhada da humanidade em direção a uma “finalidade das finalidades”, bem como a sua visão particular sobre o “progresso da humanidade” (p.76)<sup>19</sup>. De qualquer maneira, tem-se

---

<sup>17</sup> Wilhelm Humboldt (1757-1835), que não deve ser confundido com seu irmão, o geógrafo e naturalista Alexander Von Humboldt (1769-1859), foi o primeiro linguista a entender a linguagem humana como um complexo sistema regido por regras – um sistema que faz “usos infinitos de meios finitos” – com o que logra ultrapassar de maneira pioneira a tradicional visão da língua como mera coleção de vocábulos acompanhados de significados. Também se notabilizou por ter fundado, em 1810, a Universidade de Berlim, o que também faz com que seja considerado o fundador do moderno sistema educacional alemão. O texto que o coloca como fundador da educação universitária alemã é “Sobre a Organização Interna e Externa das Instituições Científicas Superiores em Berlim”, que procura trazer uma base moral e ética às instituições, ao discorrer sobre a sua importância para a educação nacional (1997, p.79).

<sup>18</sup> A concepção fundamental da filosofia da história de Hegel é sustentada por Droysen no item nº83: “A história é a humanidade tornando-se um ser consciente de si mesmo” (DROYSEN, 2009, p.75). Com relação à categoria da ‘totalidade’, dirá Droysen: “O particular é compreendido no todo e o todo é compreendido no particular” (DROYSEN, 2009, p.39). Sobre a categoria do ‘movimento’, ele dirá: “O movimento incessante no mundo dos fenômenos nos permite conceber as coisas como estando em constante devir, seja este devir visto como algo que se repete periodicamente, seja como algo que parece repetir-se e crescer por intensificação e acumulação contínuas. / Naqueles fenômenos, nos quais se manifesta a nós um tal avanço, que se encontram em uma sucessão, o fator do tempo é considerado por nós como sendo decisivo. É isto que entendemos resumidamente como história” (DROYSEN, 2009, p.35-36).

<sup>19</sup> A ‘nota do finalismo hegeliano’ modifica-se em Droysen, ao contato com a sua forte base historicista. De todo modo, como fará notar Hans-Georg Gadamer em uma passagem de *Verdade e Método* (1960), “ele [Droysen] também não concebe a realidade da história como espírito puro. Comportar-se eticamente inclui, antes de tudo, que o mundo da história não conhece uma cunhagem pura da vontade sobre uma

aqui um progresso que, no fim das contas, ocorre inevitavelmente, apesar dos eventuais retrocessos. Dirá ele:

“No mundo ético, as finalidades enfileiram-se uma à outra numa cadeia infundável de anéis. / Cada um desses fins tem inicialmente o seu caminho e a sua formação própria; mas, simultaneamente, cada um deles condiciona o outro e é condicionado por este. / Frequentemente, os fins se bloqueiam, perturbam, disputam entre si; muitas vezes, surgem aqui e ali, temporariamente, parcialmente, retrocessos; sempre, somente para depois disso, retomar o trabalho com arrancada mais intensa, com força propulsora aumentada, em novo ponto, em nova configuração, cada um impulsionando o outro e sendo impelido pelos demais” (DROYSEN, 2009, p.74)<sup>20</sup>

Interferida pelas outras notas do acorde teórico, a nota hegeliana adquire, portanto, uma singularidade própria e uma posição de destaque como ‘nota de topo’ do acorde historiográfico de Droysen<sup>21</sup>. Esta expressiva nota hegeliana, que não havíamos encontrado em Ranke, e ainda que a mesma vá perdendo gradualmente a sua intensidade inicial no decorrer da trajetória intelectual de Droysen, une-se à sua base Historicista, agora já completa, e também a toda a preocupação metodológica que se estampará no empenho deste historiador alemão em produzir obras de reflexão sobre a própria historiografia, tal como ocorre com os diversos textos reunidos na *Historik* (1881-1883). Droysen também continua a apresentar, como já veremos, a nota do “nacionalismo alemão”, e seus interesses, particularmente a partir do momento de sua

---

materia maleável e que não oferece resistência. Sua realidade consiste numa concepção e configuração que o espírito deve gerar continuamente das ‘finitudes constantemente mutáveis’, às quais pertence todo aquele que atua. Dessa dupla natureza, Droysen consegue extrair consequências para o comportamento histórico num grau nem diferente” (GADAMER, 2008, p.289).

<sup>20</sup> Por outro lado, a finalidade última não pode ser conhecida empiricamente: “O fim mais elevado, o que condiciona incondicionalmente, aquele que move a todos, abrange a todos, esclarece a todos, este é o fim supremo, que não pode ser conhecido empiricamente” (DROYSEN, 2009, p.74).

<sup>21</sup> Há passagens de *Historik* mais claramente hegelianas: “O mistério de todo movimento é sua finalidade. Quando a interpretação histórica observa, no movimento do mundo ético, o seu desenrolar, reconhece a sua direção, vê o objetivo das finalidades a se realizar e a se desnudar, ela tira conclusões sobre a finalidade última, na qual o movimento se completa, na qual aquilo que move o mundo humano, impulsionando-o a seguir sempre em frente, sem parada, é paz, perfeição, presente eterno” (DROYSEN, 2009, p.61-62). Em outro trecho, poderemos ler: “Toda evolução e crescimento é movimento em direção a uma finalidade que, realizando-se no movimento, quer chegar à consciência de si mesma” (DROYSEN, 2009, p.74). De todo modo, Hegel é também referido explicitamente em alguns trechos do *Historik*, como o item nº78, que se refere à “dialética” proposta pela “filosofia da história de Hegel” (DROYSEN, 2009, p.73).

trajetória historiográfica em que começa a se mostrar mais engajado na própria história de sua época, começam a se deslocar do Helenismo e da Antiguidade para a produção de uma História Política de referências nacionais<sup>22</sup>.

Será oportuno destacar, neste ponto, que a ‘religiosidade’ também aparece como uma nota importante do ‘acorde historiográfico’ de Droysen. Neste aspecto, ele não é tão diferente de Ranke. A influência da teologia protestante é uma nota quase tão importante no acorde historiográfico de Droysen, quanto a nacionalidade<sup>23</sup>. Não é à toa que, em uma passagem já mencionada de Droysen, do texto intitulado “A Objetividade do Eunuco”, Droysen associa a sua consciência de relativismo à sua posição específica nesta superposição das notas relacionadas à religiosidade, à nacionalidade e à política, afirmando que não aspira senão, “deixar à mostra a verdade relativa ao meu ponto de vista; mostrando como minha pátria, minhas convicções políticas e religiosas, meu estudo sistemático me permitiram chegar a este ponto de vista” (DROYSEN, *Historik*, 1881; edição: 1977, 235-6).

Com relação à já mencionada ‘nota nacionalista’ do acorde historiográfico de Droysen, esta se reveste de uma especial coloração política. Sua ligação com a Política o levou mesmo a se fazer eleger deputado pela Assembléia Nacional Alemã, na mesma época em que já havia assumido claras posições favoráveis ao movimento da unificação alemã e na qual elaborara, nas suas *Preleções sobre as Guerras da Liberdade* (1846), a sua justificativa para o projeto de unificação nacional sob a égide do estado prussiano<sup>24</sup>. De um lado, é precisamente a gradual intensificação desta combinação de nacionalismo e política o que levará Droysen a migrar dos temas relacionados aos estudos clássicos e ao Helenismo, nos quais era um grande especialista, para a temática da história nacional.

---

<sup>22</sup> Além de ser especialista em assuntos Helênicos, Droysen era filólogo, e foi responsável pela tradução das obras completas de Ésquilo e Aristófanes. Em 1833 publicou a sua *História do Helenismo*.

<sup>23</sup> Julio Bentivoglio, que escreveu uma excelente apresentação para a edição brasileira do *Grundriss der Historik*, de Droysen, registra estas palavras: “Destaca-se, na biografia deste autor, uma profunda ligação com a política e o Estado prussiano, bem como com a teologia protestante. Seu pai era pastor na Pomerânia e integrou as tropas do general Blücher que, em 1807, resistiam à invasão das tropas napoleônicas sem sucesso. Essa herança que aproxima religiosidade e nacionalismo e que na Alemanha conheceu momentos expressivos de convergência tanto no século XIX quanto no XX, urdiram na obra de Droysen um liame que não deve ser desprezado, manifesto nas passagens mais teológicas da *Historik* e na sua ênfase sobre as comunidades e os poderes éticos responsáveis pela formação do indivíduo e pelas conformações da história” (BENTIVOGLIO, 2009, p.13).

<sup>24</sup> Sobre isto, ver BENTIVOGLIO, 2009, p.15.

De outro lado, as próprias pressões dos meios acadêmicos que Droysen adentra como professor universitário o levarão a priorizar as temáticas nacionais.

A máxima obra de Droysen, em termos de monumentalidade, terminará por ser uma *História da Política Prussiana* [*Geschichte der preußischen Politik* – em 14 volumes, 1855-1886). Conforme já discorremos, não se tratará de uma História Política no sentido moderno (uma História do Poder), e sim uma História (da) Política, que examina a Política de uma nação como objeto privilegiado, tanto no que se refere aos seus aspectos de relacionamento externo através da guerra e da diplomacia, como em relação à política interna, voltada para o estudo das ações dos políticos desta nação-estado. Enfim, tem-se aqui, por todos os lados, a Política vista de cima<sup>25</sup>.

Na escolha de suas temáticas, Droysen terminará, portanto, por não destoar muito da historiografia que predominava em sua época (mas que, obviamente, não era exclusiva). Ele reconhecerá como função importante para os historiadores fornecer “ao Estado, ao povo, ao exército, a imagem deles mesmos”, e delineará o estudo histórico como “fundamento para a instrução e formação política”. Mais ainda, para Droysen, “o homem de Estado é o historiador prático,” (DROYSEN, 2009, p.84). Assim mesmo, impressiona, em certas passagens da sua já citada obra teórica – os textos que constituirão *Historik* – a consciência, que já revelava Droysen, de que a História Política centrada no Estado não deveria ser o único objeto para o historiador, tal como queria por exemplo Hegel com a sua ‘filosofia da história’, ao conceber o Estado como a realização suprema do Espírito, e tampouco como se depreende das propostas dos historicistas que se voltavam exclusivamente para a narrativa nacional. Droysen registra em *Historik* a seguinte passagem, que clarifica a sua própria posição:

“Eu espero ter provado que é insuficiente limitar a exposição da área da história ao Estado, como se dissesse que só haveria uma forma de apresentação, a saber, a narrativa. E eu acredito, que a perspectiva na

---

<sup>25</sup> Em sua obra teórico-metodológica – *Historik* – Droysen discute algumas formas da modalidade que chamou de “exposição narrativa”. Uma delas, a “maneira monográfica”, é descrita por Droysen como aquela que busca “mostrar como, em seu desenvolvimento e crescimento, uma formação histórica se fundamentou e aprofundou em si mesma e produziu, por assim dizer, o seu gênio” (2009, p.89). Parece ser esse o modelo expositivo que Droysen adota nesta *História da Política Prussiana*. Também mostra elementos da maneira narrativa que ele categorizou como “catastrófica”: “[uma narrativa] que mostra tendências, direções, interesses, partidos, etc – todos legítimos – engajados em uma batalha, de cujos momentos ou lados os opostos se apresentam lutando, vencendo ou se reconciliando. Ela mostra como de lutas entre titãs passam a existir um novo mundo e novos deuses” (DROYSEN, 2009, p.81).



variedade das formas de exposição é de muitos modos rica e apropriada para eliminar um preconceito sob o qual a nossa ciência verdadeiramente padece” (DROYSEN, 1977, p.280)<sup>26</sup>

O pensamento teórico aberto, proposto pela *Historik* de Droysen, tencionando-se contra as concessões temáticas que precisou fazer na sua própria *práxis* como historiador, mostra-nos que ele era também um historiador que precisava atender às demandas de seu tempo. Entre 1851 e 1852, por exemplo, publicou três volumes de uma *Biografia do Conde Yorck von Wartenburg* – importante chefe militar prussiano da época das guerras contra a França napoleônica – o que também o situa dentro do quadro dos historiadores que contribuíram para a modalidade da História dos Grandes Homens. Examinar os grandes líderes políticos, narrando seus grandes feitos e procurando situá-los como peças-chave da política nacional, era de certo modo uma variação da História (da) Política. Esta modalidade de história também se fazia de encomenda: era uma exigência dos estados-nação, uma demanda de sua época. Assim mesmo, devemos contrapor o modelo de “História dos Grandes Homens” de Thomas Carlyle (1843) ao modelo de Droysen<sup>27</sup>. Se ele conseguiu realizar na prática uma biografia não-laudatória, essa é uma questão. Mas, de todo modo, podemos encontrar em um dos textos de *Historik* a sua posição sobre esta modalidade:

“As coisas seguem o seu rumo, apesar da vontade boa ou má daqueles por meio dos quais se realizam. / Nos poderes éticos encontram-se a continuidade da história, o seu trabalho e seu prosseguimento, neles todos fazem parte, cada um em seu lugar; através deles, indiretamente também o mais inferior, o mais pobre, vive junto com a história. / Mas também o maior gênio, o de maior força de vontade, o mais poderoso é apenas um momento nesse movimento dos poderes éticos, ainda que por sua posição seja um elemento especialmente importante e atuante.

<sup>26</sup> Se o Estado será, para Droysen, “a mais complexa das instituições dos poderes éticos”, por outro lado ele reconhecerá que “cada entidade de porte exige autocontrole discursivo semelhante: por exemplo, o regime da igreja, a gestão de indústrias, a organização de uma expedição científica, etc” (DROYSEN, 2009, p.84).

<sup>27</sup> O historiador escocês Thomas Carlyle sustentava a ideia de que a História poderia ser interpretada essencialmente através da vida dos heróis e dos chefes (1843), e esta abordagem historiográfica lhe valeu trabalhos como a *Vida de Schiller*, ou a *História de Frederico II da Prússia* (1858-1865). Por outro lado, curiosamente Carlyle também se resignou a escrever biografias sobre personagens não tão importantes assim, como a de um escritor escocês, seu amigo, que lhe rendeu a *Vida de John Sterling* (1851). Depois que sua esposa morreu, em 1865, resolveu escrever a *Vida de Jane Welsh Carlyle* (1881). Também escreveu uma *História da Revolução Francesa* que teve grande repercussão na época.

Como tal, e somente como tal, ele é interpretado pela história, não por amor à sua pessoa, mas pela sua posição e realização naqueles poderes éticos, pelo amor das idéias das quais foi portador” (DROYSEN, 2009, p.57)<sup>28</sup>

O grande homem de Droysen, portanto, tem o seu imprescindível valor individual, mas não está desligado da história em sentido mais amplo, da tradição na qual se insere, das forças políticas que deve mediar, do contexto que o abrange conjuntamente com inúmeros outros homens, cada um dos quais, aliás, “vivendo junto com a história”. Se o grande homem pode ter um papel importante no redirecionamento da história, ao mesmo tempo ele também é impulsionado pela própria história através das irresistíveis forças históricas que ele chama de “poderes éticos” da história<sup>29</sup>.

Vale lembrar ainda que os lances pessoais da vida de Droysen revelam também essa íntima relação dos historiadores oitocentistas com os quadros institucionais do Estado-Nação e com a consolidação de seus principais interesses. É precisamente quando ingressa no Ensino Universitário, ao assumir em 1841 a cadeira de História da Universidade de Kiel, que Droysen desloca seus interesses historiográficos, antes devotados aos estudos da Antiguidade, para o âmbito das questões contemporâneas, tal como ocorre com as suas *Conferências sobre as Guerras de Libertação*, publicadas em 1846, que tratam das modernas guerras de Independência. Em seguida, sua transferência em 1852 para a Universidade de Jena irá impor novos rumos aos seus objetos historiográficos<sup>30</sup>, agora impulsionados em direção ao estudo mais específico da política prussiana, sendo precisamente a partir deste período que inicia as pesquisas que o levarão a publicar, até a data de sua morte, a extensa *História da Política Prussiana*,

---

<sup>28</sup> Na parte do *Grundriss der Historik* que aborda a “Tópica”, isto é, os modos de apresentar a História, Droysen acrescenta comentários sobre os objetivos da categoria narrativa que ele denomina “biográfica”: “mostrar como o gênio de uma personalidade de história [isto é, o espírito que o move: a nacionalidade, por exemplo] determinou o seu agir e seu sofrer desde o começo, como se manifestou e se testemunhou a si mesma simultaneamente” (DROYSEN, 2009, p.81).

<sup>29</sup> “Cada época é um complexo de concretizações de todos seus poderes éticos, não importando a intensidade ou a carência de sua fragmentação, ou o quanto o mais elevado ainda está envolvido pelo mais baixo (o Estado em forma de família, etc)” (DROYSEN, 2009, p.58). Em outra passagem, Droysen registra: “O mundo ético é, em seu momento de constante mutação, uma confusão caótica interminável de negócios, estados de coisas, interesses, conflitos, paixões, etc.” (DROYSEN, 2009, p.61)

<sup>30</sup> Foi, aliás, a sua posição com relação aos fatos políticos de sua época – particularmente a adesão à causa da unificação alemã, o que leva Droysen a abandonar Kiev, uma localidade na qual perdera força o projeto da unificação alemã sob a égide prussiana, em favor de Jena. As escolhas de Droysen relacionadas aos próprios cenários acadêmicos em que poderia desenvolver sua produção historiográfica, portanto, em muitos casos mostram-se desdobramentos de suas posições políticas em relação às questões de seu tempo.

com seus 14 volumes. Como recompensa aos serviços que prestava ao Estado-Nação como ‘historiador da política’, em 1857 Droysen foi nomeado historiógrafo da Casa Real de Brandenburgo, o que exemplifica isto que era tão comum nesta época: a assimilação dos historiadores profissionais aos quadros dos estados-nação.

É particularmente interessante perceber o contraponto entre os cursos de Teoria da História, que Droysen passa a ministrar a partir de 1857, e que já revelam em muitos pontos uma visão ampla e diversificada da História que mais tarde seria reivindicada por historiadores do século XX como suas (entre os quais os historiadores franceses do movimento dos *Annales*), e a *História da Política Prussiana*, um projeto que Droysen vai adaptando às demandas de sua época. As peculiaridades da política européia na segunda metade do século XIX, em particular o processo da unificação da Alemanha e a guerra franco-prussiana, também contribuíram para favorecer certo padrão de temáticas na historiografia produzida por Droysen. Era preciso, nesta época, tomar uma posição; muitos cobraram de Ranke a responsabilidade pelo famoso “dito da neutralidade”, que parecia propor a figura de um historiador distanciado das questões concretas de seu tempo (o que, tal como vimos, também não corresponde rigorosamente à verdadeira postura de Ranke).

Para além das pressões acadêmicas e da sedução das benesses institucionais estatais, há ainda um outro aspecto que pode favorecer o redirecionamento ou as escolhas de determinado historiador em relação a certo campo temático. As facilidades de produzir um bom trabalho, o acesso a arquivos e fontes de determinado tipo, o diálogo com uma rede historiográfica local já amadurecida em torno de determinadas questões contam-se entre os fatores que podem levar um historiador a fazer suas escolhas. No caso de Droysen, é oportuno lembrar que, ao se tornar historiógrafo oficial da Casa de Brandemburgo em 1877, este historiador alemão conquistou um acesso irrestrito aos arquivos prussianos. A sedução de trabalhar com um universo ainda inexplorado de fontes – a mesma que já vimos em Ranke ao descobrir o arquivo italiano ainda inexplorado das *relazioni* (relatórios secretos dos “embaixadores” venezianos) – deve ter atuado como um fator irresistível para o pesquisador Droysen. Ser o primeiro garimpeiro de determinada mina documental mostra-se com frequência um apelo particularmente forte para diversos historiadores. Desta maneira, os caminhos de um historiador não são apenas definidos pelas pressões externas que contribuem para fechar o seu universo, mas também pelo fascínio pelos horizontes que o abrem. Esta complexa

dinâmica entre pressões e expansões, entre fechamentos e aberturas, apresenta grande repercussão na operação historiográfica.

A trajetória de Droysen nos revela algo sobre os limites temáticos da historiografia do século XIX, com exceção das reflexões que vinham se desenvolvendo ao nível de uma nova teoria da história pelo Materialismo Histórico, que obriga o olhar do historiador a se voltar para instâncias econômicas e sociais, e também ressalvadas algumas exceções como a do historiador Jacob Burckhardt (1818-1897), já bem direcionado para estudos históricos da Cultura. O que se favorecia essencialmente no século XIX – o que recebia incentivos concretos – era uma ‘História (da) Política’ – da grande Política, entenda-se bem – e não ainda uma História Política no sentido moderno, esta que, a partir das últimas décadas do século XX, constituiria o que se passaria a denominar como uma Nova História Política.

Droysen, enfim, foi simultaneamente um historiador de seu tempo e um inovador capaz de se situar na crista da onda das transformações que se tornaram possíveis a um paradigma em curso: o Historicismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTIVOGLIO, 2009. “Apresentação” in: DROYSEN, Johann Gustav. *Manual de Teoria da História*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CALDAS, Pedro Spinola. *Que significa pensar historicamente – uma interpretação da teoria da história de Johann Gustav Droysen*. Rio de Janeiro: PUC, 2004 [Tese de Doutorado].
- CARLYLE, Thomas. *História da Revolução Francesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1961 [original: 1837].
- CARLYLE, Thomas. *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History*. Los Angeles: California University Press, 1993 [original: 1843].
- CARLYLE, Thomas. *Life of John Sterling*. London: Chapman and Hall, 1851.
- CARLYLE, Thomas. *History of Friedrich II of Prussia, called Frederick The Great*. London: Elibron, 1990 [original: 1858-1865].
- DILTHEY, Wilhelm. *Introduction to the Human Sciences*. Princeton: Princeton University Press, 1991. (1º volume da Introdução ao estudo das Ciências do Espírito, 1883)
- DROYSEN, Jodann Gustav. *Historik: Vorlesungen über Enzyklopädie und Methodologie der Geschichte*. (org. Peter Leyh). Stuttgart: Fromann-Holzboog, 1977 [em português: *Manual de Teoria da História*. Petrópolis: Vozes, 2009 [original: 1881-1883],
- DROYSEN, Gustav. *Geschichte des Hellenismus*. 3 vols. Berlin: Bayer ed, 1998 [original: 1836-77]
- DROYSEN, J. G. *Das Leben des Feldmarschalls Grafen York von Wartenberg*. 2 vol. Berlin: Veit & Comp., 1854 [originals: 1852-53].
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1989 [original: 1953].
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008. [original: 1960]
- GRONDIN, J. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Unisinos, 1991.
- HUMBOLDT, Wilhelm Von. “Sobre a Organização Interna e Externa das Instituições Científicas Superiores em Berlim” in CASPER, Gerhard e HUMBOLDT, Wilhelm Von. *Um mundo sem Universidades?* Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.
- LAW, Chris. *Compreender Gadamer*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- NIPPEL, Wilfried. *Johann Gustav Droysen: Ein Leben zwischen Wissenschaft und Politik*. München: Beck, 2008.
- SIMIAND, F. Méthode historique et science sociale. *Annales ESC*. N°1, jan/fev 1960 [original: Revue de Synthèse, 1903].
- SOUTHARD, Robert. *Droysen and the Prussian school of history*. Lexington: The University Press of Kentucky, 1995.
- THIERRY, Augustin. *Lettres sur le histoire de France*. Paris: Le Courier Français, 1820